

# Sarney cobra apoio dos partidos para vencer crise

Noémio Spinola

O presidente José Sarney cobrou duramente a apresentação de "programas e propostas" concretas aos partidos políticos brasileiros. Só isso permitiria levar a questão econômica, e a inflação em particular, "o maior, o mais agudo e sério problema" de sua administração, para um plano superior ao "da ação unilateral, paternalista e centralizada de governo".

"Não vou passar por cima dos partidos políticos", disse o presidente ao longo de uma entrevista de hora e meia ao JORNAL DO BRASIL, durante o café da manhã no Palácio da Alvorada, inicialmente prevista como uma conversa em torno da *perestroika* e da viagem que fará esta semana a Moscou. As questões econômicas internas afloraram naturalmente, enquanto as perguntas comparavam pontos críticos como o papel do Estado em modelos centralmente planejados, ou em economias de mercado. O que faria o presidente ao retornar do Leste europeu e ao se deparar, outra vez, com a insidiosa pressão inflacionária em sua própria casa?

**Teste** — "Primeiro", disse ele, "é preciso considerar o que já fizemos, o que está estruturado. O governo procurou equacionar os problemas de várias formas, a começar pela fixação de metas para controlar o déficit público. Acabamos velhos focos inflacionários, como a conta-movimento no Banco do Brasil, e mandamos uma proposta orçamentária ao Congresso. Isso, porém, é uma coisa nova, porque requer procedimentos novos e a clara compreensão de que aquele modelo federativo anterior, em que os governadores, por exemplo, se relacionavam com o Executivo, não pode mais funcionar como funcionava. É exatamente aí que entra o fator político, a importância de programas e plataformas partidárias às quais me referi.

"Se um Estado mais rico", exemplificou Sarney, "não quer pagar sua parte na dívida externa, o caminho é uma discussão política sobre o assunto no Congresso, pois o Executivo precisa saber de onde irá tirar dinheiro para pagar as contas que forem roladas. Temos um teste prático pela frente que é esse do relacionamento dos estados com o Congresso, e isso vai testar as plataformas, os programas e projetos dos partidos. Vamos emitir? Vamos aumentar impostos? Vamos aumentar a dívida interna?"

"O que acontece", continuou, "em um país como o Brasil, de economia altamente centralizada, é uma grande soma de meios, poder e recursos nas mãos do governo. Há uma inércia que faz com que aconteçam coisas que não queremos nem desejamos. Há também a faculdade de usar esses meios, marginalizando o sistema político. A engenharia política mais importante neste momento é não passar por cima dos partidos, mas



Brasília — Gilberto Alves

**Sarney disse que não tentará mais medidas heróicas**

cobrando deles uma arquitetura, uma plataforma, um compromisso, um programa. Os partidos precisam perceber que o tempo do populismo acabou. Quem não perceber isso, não tem futuro."

**Pacto** — "Não vou adotar medidas heróicas para conter a inflação à custa do amadurecimento do sistema partidário e político", disse Sarney. Assinalou que vê "com otimismo a germinação de algumas sementes de entendimento sindical e patronal, entre capital e trabalho, que podem evoluir para a esfera política, para os compromissos e programas que necessitamos para conter a inflação. Esse é o caminho. É evidente que os partidos precisam se aperfeiçoar, até mesmo para acolher o movimento e as reivindicações dos trabalhadores. Não deixa de ser singular que um grande partido, como o PMDB, não tenha uma base trabalhista comparável, digamos, com a que foi desenvolvida pelo PT.

O presidente Sarney disse que sua viagem à URSS ocorre em um momento historicamente rico, porque o Brasil precisa digerir e resolver seus problemas sem se isolar do mundo. A *perestroika* se insere aí como um fenômeno de grandes repercussões. Assim sintetizou ele sua visão desse processo de reestruturação da economia soviética:

"As transformações que estão ocorrendo na URSS mostram que o sistema econômico e, em certa extensão, o social, encontram-se exauridos. Muitos investimentos na agricultura não deram certo porque a produtividade não aumentou, e grandes avanços na ciência não garantiram competitividade internacional aos produtos da indústria soviética. As reformas que estão em curso nesse país visam a dar ênfase às forças de mercado e abrir mais espaço para o comércio exterior. O planejamento econômico passa a ser indicativo, e há ou haverá uma descentralização da gerência empresarial. Ninguém está pensando que a União Soviética vai deixar de ser um país socialista, mas é

evidente que em quaisquer modelos econômicos o Estado desempenha seu papel, e o que estamos assistindo em toda a parte é ao esgotamento do Estado."

**URSS** — "Nosso relacionamento com a União Soviética", destacou Sarney, "está vinculado à reorientação que meu governo procurou imprimir à política externa. Primeiro, procuramos uma aproximação maior com nossos vizinhos na América Latina. A abertura para a China representa um esforço de integração de economias que podem ser complementares e têm níveis tecnológicos comparáveis."

"Definitivamente", ressaltou, "estamos desideologizando a política externa brasileira, ao procurarmos um relacionamento novo e pragmático com a União Soviética. Esse país quer diversificar suas fontes de suprimento e abrir espaço para colocar sua tecnologia. É possível que em curto espaço de tempo venha a importar mais bens de consumo para contrabalançar pressões inflacionárias internas. Há um interesse em importar tecnologia e pagar com tecnologia própria, e não com matérias-primas, como ocorre hoje."

"Concluimos alguns acordos importantes e vamos explorar outros na viagem a Moscou. O Ministro dos Transportes, para citar apenas um caso em que já concluimos ou estamos concluindo alguns acordos, me informou que os soviéticos transportam por ferrovias algo como 11 milhões de toneladas/dia, enquanto nós não carregamos nem 5% disso. Eles podem entrar em alguns dos nossos projetos, mas também temos o que oferecer em transporte ferroviário, porque nossa parte de automação e controle de fluxo de tráfego é muito avançada; em alguns casos é das melhores do mundo. Da mesma forma foi com muito interesse que soube dos contatos de bancos privados em Moscou para explorar tecnologia bancária e de movimentação de fundos e títulos públicos."

**Presidente diz que saída é política**

O presidente Sarney não traçou um paralelo direto entre o esforço soviético para reestruturar sua economia, redefinindo o papel do Estado, e a Operação Desmonte. Mas deixou claro que economias tão distantes e tão afastadas podem ter problemas de "liquidez" (excesso de dinheiro momentaneamente em circulação) embaraçosos, independente de funcionarem em modelo capitalista ou socialista. Ele disse que no caso brasileiro a indexação generalizada da economia é "um problema efetivo, um problema sério" sob vários ângulos, e afirmou:

— "Não é possível que as empresas continuem vivendo com um

permanente desejo de liquidez, isto é, de ter dinheiro em caixa, à mão, derivando parte dos seus lucros de aplicações financeiras, quando deveriam estar investindo na produção. Isso é evidentemente uma distorção. Mas não podemos pensar em corrigir essas distorções com medidas heróicas. Há uma necessidade de convencimento por parte da sociedade de que esse processo é um processo que interessa a todos e deve ter um encaminhamento político".

Para o presidente Sarney o novo na *perestroika* é o aspecto da mobilização cultural da sociedade para mudar atitudes e comportamentos. "É muito provável que os

mais velhos, aqueles que não terão mais tempo na burocracia para reciclar seus conhecimentos, atitudes ou rotinas, façam resistências brutais à mudança. Isso não depende do sistema político ou do regime econômico, mas do ser humano. Não vamos ignorar os problemas culturais que encontramos em um país como o nosso, nas devidas proporções. Quando falo da necessidade de programas dos partidos, estou tocando exatamente no ponto que mostra a mudança de comportamento da sociedade. São mudanças que não são mecânicas, e não dependem apenas de mim, da figura do presidente". (N.S.).